

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	101
Posfácio	179
Notas	187

I

Há muitos anos vivia em Zuchnow um homem chamado Mendel Singer. Era um homem devoto e temente a Deus, igual a tantos outros, um judeu que em nada se distinguia dos demais. Nada mais era do que um simples professor. Em sua casa, que consistia apenas numa cozinha espaçosa, transmitia às crianças os ensinamentos da Bíblia. Era com dedicação sincera que exercia a sua profissão, ainda que sem resultados surpreendentes. Antes dele, muitos outros haviam vivido e ensinado da mesma maneira.

Tão vulgar como a sua existência era o rosto pálido deste homem. As faces eram debruadas, na íntegra, por uma barba cerrada de uma negrura banal. A própria boca vivia escondida no meio da barba. Os olhos eram grados, negros e baços, meio velados pelas pálpebras descaídas. Usava na cabeça um barrete feito de repes de seda negra, tecido que por vezes se utilizava para confeccionar gravatas baratas e antiquadas. Um cafetã de comprimento médio, típico dos judeus daquela região, cobria o corpo de Mendel Singer. Quando o judeu corria apressado pelas vielas, as abas do cafetã, agitadas no seu volteio, golpeavam, num rumor de asas forte e regular, os canos altos das botas de cabedal.

Dava a sensação de que Singer dispunha invariavelmente de pouco tempo e de prazos urgentes para cumprir. É verdade que a sua vida nunca fora fácil, tornando-se até por vezes um autêntico flagelo. Tinha mulher e três filhos para vestir e alimentar (e um quarto vinha a caminho). Deus quisera que as suas entranhas fossem férteis, o coração estoico e as mãos pobres. Eram mãos que não goza-

vam de oiro para pesar nem de notas para contar. Fosse como fosse, a sua vida lá ia prosseguindo, como as parcas águas de um ribeiriño, fluindo entre as suas margens miseráveis. Todas as manhãs, Mendel dava graças ao Senhor pelas horas de sono, pelo despertar e pelo dia que despontava. Quando o Sol se punha, o judeu voltava a rezar. Quando as primeiras estrelas cintilavam no firmamento, orava pela terceira vez. E, antes de adormecer, os seus lábios, fatigados mas devotos, sussurravam uma breve prece. Não sonhava durante a noite. Tinha a consciência tranquila, a alma casta. Não conhecia o arrependimento nem a cobiça. Sentia amor pela sua mulher e era nela que encontrava prazer carnal. Tomava rapidamente as refeições com um apetite saudável. Dava alguns açoitões aos filhos pequeninos, Jonas e Schemarjah, quando estes lhe desobedeciam, mas não se coibia de mimar amiúde Mirjam, a filha mais nova. Mirjam herdara do pai o cabelo preto, bem como os seus olhos negros, baços e doces. Tinha uma figura delicada e uma aparência frágil. Uma jovem gazela.

Mendel tinha a seu cargo doze alunos de seis anos de idade, a quem ensinava a ler e a decorar a Bíblia. À sexta-feira, recebia vinte copeques de cada um dos discípulos. Era essa a única fonte de rendimento de Mendel Singer. Tinha apenas trinta anos; no entanto, as perspectivas de vir um dia a ganhar mais dinheiro eram escassas ou até nulas. À medida que os alunos iam crescendo, passavam para outros professores com mais conhecimentos. O custo de vida aumentava de ano para ano. As colheitas eram cada vez mais magras, as cenouras minguavam de tamanho, os ovos apareciamocos, as batatas congelavam, a sopa não passava de uma água, as carpas eram delgadas, os lúcios pequenos, os patos pele e osso, a carne de ganso uma sola e as galinhas não se pareciam com nada.

Assim soavam as queixas na boca de Deborah, a mulher de Mendel Singer. Era mulher e por vezes tinha o diabo no corpo. Cobiçava as posses das gentes mais abastadas e invejava os proventos dos comerciantes. A seus olhos, Mendel Singer era demasiado insignificante. Responsabilizava-o pela prole, pela gravidez, pela carestia da vida, pelos fracos honorários e às vezes até pelo mau tempo que fazia. Todas as sextas-feiras esfregava o soalho até ele ficar da cor do açafraão. Viam-se-lhe os ombros largos subir e descer a um ritmo

regular e as mãos robustas esfregar atarefadamente, polindo tábua a tábua, raspando cada fresta ou falha do soalho com a ponta da unha, removendo a sujidade negra que era, por fim, eliminada com alguns baldes de água. Arrastava-se de joelhos, qual montanha em movimento, poderosa e imponente, pela divisão despida, caiada de azul. Lá fora, diante da porta da rua, os móveis apanhavam ar, a cama de madeira castanha, os enxergões, uma mesa bem aplainada, dois bancos compridos e estreitos que mais não eram que duas tábuas horizontais pregadas sobre outras duas verticais. Assim que os primeiros raios do crepúsculo assomavam à janela, Deborah acendia as velas que repousavam nos castiçais de alpaca, tapava o rosto com as mãos e começava a orar. Então o marido chegava a casa, um vulto envolto em seda negra, e era recebido com um soalho luzidio e amarelo como um sol esvaecido. Do seu rosto irradiava um fulgor mais alvo que de costume, da sua barba um negrume mais carregado que nos outros dias. O pai sentava-se e entoava um pequeno cântico. A seguir, pais e filhos sorviam a sopa quente, sorriam de olhos postos nos pratos e remetiam-se ao silêncio. O calor concentrava-se na cozinha. Emanava dos tachos, das tigelas e dos corpos ali reunidos. As velas baratas que ardiam nos castiçais de alpaca não resistiam e não tardavam a dobrar-se. A estearina pingava sobre a toalha aos quadrados azuis e vermelho-tijolo, solidificando de imediato. Então abria-se a janela e as velas ganhavam novo alento, ardendo em paz até ao fim. As crianças iam deitar-se nos seus colchões de palha, junto ao fogão, os pais ficavam ainda algum tempo sentados à mesa, observando, com inquieta solenidade, as últimas chamazinhas azuis que emergiam tremeluzentes das cavidades dos castiçais, para depois se afundarem de novo, ondeando docemente num jogo de labaredas. A estearina ardia, do pavio queimado soltavam-se filamentos de fumo, finos e azulados, que se dissipavam rumo ao teto.

— Ai! — suspirava a mulher.

— Não suspires! — admoestava Mendel Singer.

Permaneciam então em silêncio.

— Vamos para a cama, Deborah! — ordenava o marido.

E começavam a sussurrar a oração da noite.

Era desta forma que, no final de cada semana, se anunciava o sabat, com silêncios, velas e cânticos. Mais tarde, passadas vinte e

quatro horas, o dia santo submergia de novo na escuridão da noite, dando início a mais um corrupio cinzento de dias de trabalho, uma roda-viva de canseiras e labuta. No pino do verão, às quatro da tarde de um dia tórrido, Deborah deu à luz. Os primeiros gritos da parturiente trespassaram a ladainha entoada pelos doze discípulos. Mendel mandou todos para casa. Começava um período de férias de sete dias. Mendel tinha mais um filho, o quarto, um rapaz. A circuncisão ocorreu oito dias mais tarde. Ao menino puseram o nome Menuchim.

Menuchim não tinha berço. Baloçava no alto de um cesto de vime atado com quatro cordas a um gancho do teto, como se fosse um lustre, suspenso no meio da cozinha. De quando em quando, Mendel Singer dava um leve toque ternurento ao cesto de vime enarançado, que de imediato começava a balançar das suas alturas. Por vezes, este movimento era suficiente para tranquilizar o rebento, outras vezes nada travava a sua vontade de gemer e choramingar. Os gritos da criança abafavam os versículos sagrados da Bíblia. Então Deborah subia a um banco e retirava o menino do cesto. Alvo, intumescido, colossal, o seio de Deborah irrompia da blusa descerrada, atraindo irresistivelmente o olhar de todos os rapazes sobre ele. Dava a impressão de que os amamentava a todos eles. Os três filhos mais velhos também se reuniam à volta da mãe, ávidos e ciumentos. Abatia-se um silêncio profundo. Só se ouvia o recém-nascido sugando o peito de sua mãe.

Os dias transformaram-se em semanas, as semanas converteram-se em meses, doze meses deram origem a um ano. Menuchim era ainda amamentado por sua mãe, mas o leite tornara-se ralo e aguçado. Era impossível desmamá-lo. Ao cumprir treze meses de vida, começou a fazer caretas e a gemer como um animal. O menino respirava ofegante e apressadamente e arfava de uma maneira inaudita. O crânio, grande e pesado como uma abóbora, pendia do seu pescoço fino e delgado. A testa larga do menino franzia-se e enrugava-se de mil e uma maneiras, lembrando um pergaminho amarrotado. As pernas assemelhavam-se a dois arcos de madeira, encurvados e sem vida. Os bracinhos franzinos estrebuchavam e agitavam-se no ar. Os lábios balbuciavam sons sem sentido. Sempre que tinha um ataque, retiravam-no do cesto e sacudiam-no com toda

a força, até ficar roxo e deixar quase de respirar. Só depois é que ia recuperando pouco a pouco. Colocavam folhas de chá fervido (em vários saquinhos) sobre o seu peito magrinho e envolviam o pescoço delgado em unha-de-cavalo.

— Não tem importância nenhuma — dizia o pai —, são efeitos do crescimento!

— Os rapazes costumam sair aos irmãos da mãe. Com o meu irmão, durou cinco anos! — assegurava a mãe.

— Passa com a idade! — garantiam os demais.

Até que, certo dia, deflagrou um surto de varíola na cidade e as autoridades prescreveram vacinas. Os médicos entraram na casa dos judeus. Alguns deles esconderam-se, mas Mendel Singer, homem íntegro e reto, não se esquivava a nenhum castigo divino. Aguardou, pois, com serenidade, a chegada da vacina.

Foi numa manhã de sol e calor que a comissão chegou à viela de Mendel. A sua casa era a última da fiada de casas judaicas. Acompanhado por um polícia de cartapácio debaixo do braço, fez-se anunciar o doutor Soltysiuk, de bigode loiro esvoaçante, faces morenas e lunetas de aro doirado, assentes sobre um nariz avermelhado. Chegou em passadas largas, fazendo ranger as polainas de cabedal amarelo, de *rubashka*¹ azul e casaco pendurado, de modo descontraído, sobre os ombros, devido ao calor que se fazia sentir, de modo que as mangas soltas se assemelhavam a um segundo par de braços igualmente pronto para a administração das vacinas. Foi, pois, dessa maneira que o doutor Soltysiuk se apresentou na travessa dos judeus. Aos seus ouvidos chegavam as lamúrias das mulheres e a gritaria das crianças que não haviam conseguido esconder-se. O polícia retirava mulheres e crianças do fundo das caves e das alturas das águas-furtadas, de despensas apertadas e de enormes cestos de palha. O sol queimava, o doutor suava. Pela sua frente tinha nada mais nada menos do que cento e setenta e seis judeus por vacinar. Por cada um que conseguia escapar ou que era dado por desaparecido, o médico agradecia a Deus em pensamento. Quando chegou à quarta casinha caiada de azul, o doutor fez um sinal ao polícia para que não procurasse com tanto zelo. O berreiro aumentava de intensidade à medida que ele avançava pela travessa. Acompanhava e envolvia os passos do médico. O clamor dos que temiam a vacina